

## DE VOLTA AO PASSADO



# País regride em indicadores cruciais ao desenvolvimento

Do desmatamento à fome, Brasil enfrenta o desafio de voltar a crescer com bem-estar

A pandemia e falhas em políticas públicas acentuaram nos últimos dois anos um processo de perdas sociais e econômicas para os brasileiros, levando o país a retroceder até 30 anos em seus principais indicadores de desenvolvimento, mostra Cássia Almeida. Da fome ao desmatamento, da frequência esco-

lar à produção anual de riquezas, o Brasil vive um retrocesso, avaliam especialistas. Para o desafio posto, crescer com sustentabilidade e bem-estar, será necessário um esforço coordenado e contínuo. Ainda assim, o caminho será longo: o PIB per capita, por exemplo, só se recuperaria em 2029. PÁGINAS 21 e 22

CÁSSIA ALMEIDA  
cassia@oglobo.com.br

# O PREÇO DO RETROCESSO

## Indicadores econômicos e sociais regridem até três décadas e comprometem desenvolvimento

O Brasil voltou ao passado na economia, no bem-estar da população, na educação e no meio ambiente, exibindo indicadores que remontam a até 30 anos. Recensão, pandemia e desmonte de políticas públicas acentuaram nos últimos dois anos um processo de retrocesso social. Trouxeram de volta a fome, a pobreza, a evasão escolar, o desmatamento, a inflação, ameaçando o desenvolvimento do país, alertam especialistas. Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, surpreendeu-se com o recuo de tantos índices. "É uma volta muito grande no tempo", diz, referindo-se ao Produto Interno Bruto (PIB) de hoje, equivalente ao de 2013, e à produção de automóveis, a mesma de 2006, há 16 anos:

— A produção de bens de consumo duráveis (carros e eletrodomésticos) está igual à de 18 anos atrás. Parece uma situação de guerra, voltando tragicamente no tempo.

A economista Sílvia Matos, coordenadora técnica do Boletim Macro do Ibré/FGV, calculou que somente em 2029

vamos voltar ao maior valor real do PIB *per capita*, de R\$ 44 mil, atingido em 2013, considerando a média de crescimento dos últimos anos do país, em torno de 1,5%.

— Vamos conviver com menos crescimento, inflação difícil de ser combatida, mais juros e equilíbrio ruim no mundo — prevê.

Retrocessos sociais se acumulam. A fome agora atinge 33 milhões de brasileiros, mes-

mo número de 1992. Quando o Brasil saiu do Mapa da Fome da ONU, em 2014, eram 9,5 milhões nessa situação.

— O país desabou — resume Francisco Menezes, consultor da ActionAid, uma das organizações da Rede Penssan, que divulgou os números da fome semana passada. —

Três fatores explicam essa situação. O primeiro é o forte empobrecimento de grande parte da população. O segun-

do foi o comportamento do mercado de trabalho, com desalento e queda da renda média (que é a mesma de 2011).

O terceiro é o desmonte dos programas de segurança alimentar e proteção social.

Na educação, as crianças perderam mais. A evasão escolar na faixa de 5 a 9 anos está igual à de 2012, de acordo com estudo do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social: — Chamou a atenção a piora

entre as crianças mais novas, especialmente entre 5 e 6 anos, depois de grandes progressos nos últimos 40 anos.

### 'DESAFIOS SÃO ENORMES'

Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco, diz, com base em avaliação feita no estado de São Paulo, que houve atraso escolar em todas as etapas, porém com mais intensidade entre as crianças, ameaçando uma etapa

da educação que ele considera ser a que mais precisa da socialização proporcionada pela escola. O nível de aprendizado de matemática voltou a 2007, e o de português, a 2011.

— Na educação, o retrocesso é categórico. Os desafios são enormes. São alguns anos a serem recompostos — diz. No meio ambiente, voltou-se ao passado de desmatamento crescente. Na Amazônia, onde há duas semanas foram assassinados o indigenista Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips, o corte de árvores nunca foi tão grande. Saímos de uma área desmatada de 4.571 quilômetros quadrados em 2012 para 13.235 quilômetros quadrados em 2021.

— Nunca imaginávamos voltar a 10 mil quilômetros de área desmatada. É um método de desfazer a governança sobre o tema ambiental que vem sendo feito sistematicamente em todas as áreas. Tira o orçamento, tira o pessoal competente, cria níveis de burocracia adicionais para penalizar pelo ilícito, legaliza coisas ilegais, não cria unidades de conservação e tenta eliminar as que existem — afirma Tasso Azevedo, coordenador do Mapeamento Anual da Cobertura do Solo no Brasil (Mapbiomas).

### PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) RECUA AO NÍVEL DE 2013



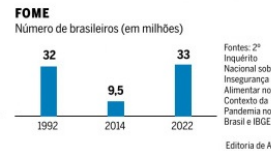
### ESCALADA DA INFLAÇÃO ALCANÇA PATAMAR DE 2003



### PROPORÇÃO DE BRASILEIROS NA POBREZA É A DE 2010



### BRASIL VOLTA AO MAPA DA FOME COM ÍNDICES DE 1992



2013. O então ministro Guido Mantega nega crise fiscal 2022. Paulo Guedes pede para não subirem preços



2003. Alta dos preços nos produtos típicos de Natal 2022. Inflação em 12 meses supera 11% e correiô renda



2009. Jovem dorme em calçada da Zona Norte carioca 2022. Homem observa garçons servindo mesa, no Rio



1992. Catadores buscam comida em lixão de Salvador 2022. Pessoas garimpam descartes na Ceasa do Rio

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil hoje é praticamente o mesmo de 2013, há oito anos, conforme divulgou o IBGE no início do mês. Tirando os serviços e a agropecuária, todos os grandes setores da economia ainda estão tentando pôr a cabeça fora d'água, para voltar a uma trajetória de crescimento, já tendo recuperado o que perdeu nos anos de crise.

Há uma questão estrutural por trás, observa Sergio Vale, da MB Associados. Os investimentos e o consumo das famílias retrocederam a 2015, e a indústria, a 2009. Segundo Rebeca Palis, do IBGE, tanto o consumo como os investimentos perderam na recessão de 2014 e 2015, mas, na pandemia, o gasto das famílias sofreu mais. Para Sílvia Matos, da FGV, "o mau humor dos consumidores é muito elevado":

— Estão olhando a economia de maneira negativa, com inflação muito forte. Há uma fragilidade institucional permeável a grupos de interesse para aumentar gasto (público), com resultado no câmbio e mais inflação.

Somente em 2003 o Brasil conviveu um índice de inflação tão alto como agora. Foi o primeiro ano do governo Lula, logo após a disparada do dólar no ano anterior, que refletia a incerteza com o novo governo. Agora, um conjunto de fatores fez o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo IBGE, alcançar 11,73% no acumulado em 12 meses até maio. É comparável aos 11,02% de quase 20 anos atrás.

O governo Bolsonaro já cortou impostos da cesta básica e dos combustíveis e trocou o comando da Petrobras três vezes. O Congresso aprovou um teto para o ICMS de diesel e gás, mas nada ainda foi capaz de conter a inflação puxada pelas commodities. A pandemia provocou gargalos na produção global, secas e geadas afetaram a produção de alimentos e de energia elétrica, e a instabilidade política fez o dólar subir, contaminando os preços internos, lembram os analistas. Com isso, a taxa básica de juros (Selic) da economia subiu para 13,25%, a maior desde o fim de 2016 (13,75%).

A pobreza que se vê nas ruas e periferias de hoje está no mesmo nível da registrada entre 2009 e 2011. Os avanços nesse indicador social foram perdidos, nos cálculos do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social:

— A insegurança alimentar segue a extrema pobreza. Quando piora a extrema pobreza, piora mais ainda a situação de fome.

A pobreza chegou a 8,4% dos brasileiros em 2014 e teve queda forte em 2020, com a distribuição do Auxílio Emergencial, para 4,8% em agosto daquele ano. Mas foi um ganho fugaz. Em outubro de 2021, já havia subido para 13%. Com outra linha de pobreza, Neri viu que, no fim de 2021, o indicador recuou para 10,8%, mas não são métricas comparáveis, ressalta.

Para a socióloga Leticia Bartholo, a reativação de programas de assistência desmontados "não é fácil, não é rápida e vai demorar alguns anos":

— Mas pode ser encurtada se retomada a profissionalização do Estado, entregando as áreas a quem entende, abrindo espaço para o diálogo.

A Rede Penssan, que reúne organizações como ActionAid e Ação da Cidadania, mostrou na semana passada que a fome atinge 33 milhões de brasileiros, o mesmo número de 1992. Uma volta no tempo de três décadas para o país que havia saído do Mapa da Fome da ONU em 2014, com 9,5 milhões, ou menos de 5% da população, com fome. Hoje, são 15%.

A substituição do Bolsa Família pelo Auxílio Brasil dobrou o valor, com piso de R\$ 400, mas reduziu a eficiência do programa com o esvaziamento do Cadastro Único (que mapeia famílias necessitadas) e de políticas de segurança alimentar, como a aquisição de alimentos da agricultura familiar, cujo orçamento caiu de R\$ 550 milhões em 2012 para R\$ 53 milhões. O quadro torna a crise mais aguda para os pobres, explica Francisco Menezes, da ActionAid.

— A fome cresce em velocidade desproporcional ao cenário de crise e pandemia, com a péssima condução da política social — diz Ricardo Henriques, do Instituto Unibanco.

# Indústria encolhe junto com renda e consumo

Produção sofre com crise nas cadeias globais enquanto o mercado de trabalho demora a se recuperar e agrava pobreza

CÁSSIA ALMEIDA  
cassial@fgv.br

A pandemia desorganizou cadeias globais, mais um baque para um componente importante da economia brasileira que já não vinha bem. A indústria é o setor que mais retrocedeu em termos de quantidade produzida, atualmente similar à de 2009, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. Rebeca Palis, coordenadora do núcleo, diz que o pico da série foi em 2013. O setor está 13% abaixo do nível de nove anos atrás: —A indústria foi mais afetada, é mais volátil, depende de

mais fatores para crescer. A produção tinha caído na pandemia, recuperou-se e voltou a cair, sofrendo com as cadeias de produção, por causa da guerra na Ucrânia.

O consumo das famílias, do lado da demanda no PIB, ainda não se recuperou da pandemia e aparece no patamar de 2015. Sente a inflação há nove meses acima de 10% e a queda do emprego e da renda do trabalho, que agravam a pobreza.

Para Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco, esses reflexos foram potencializados pela “forma equivocada de condução da pandemia”. O governo, diz

desperdiçou o Cadastro Único, que ele considera fundamental para política social.

Leticia Bartholo, que foi secretária-adjunta de Renda e Cidadania na gestão de Dilma Rousseff, participou de mobilização que envolveu outros quatro ex-gestores que atuaram em diferentes governos para alertar sobre o esvaziamento do Cadastro Único. Para ela, houve um retrocesso também nos instrumentos para lidar com a pobreza:

— Isso nos leva a 2004. Boa parte dos programas que usam o Cadastro estão com orçamento muito diminuído, e as articulações feitas com esta-

dos e municípios também.

O repasse da União para cadastramento e acompanhamentos de condicionalidades pelos municípios estava congelado em R\$ 3,25 por família desde 2012. Em abril deste ano, subiu para R\$ 3,50. Se corrigido pela inflação, deveria estar em R\$ 5,79.

Francisco Menezes, consultor da ActionAid, lembra que o Brasil foi premiado na ONU pelo programa de cisternas no semiárido em 2017. O governo mandou representante para receber o prêmio, mas cortou as verbas no mês seguinte:

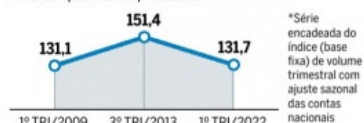
— Isso poderia ter ajudado a conter a fome.

## PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA REMONTA A 2009



### INDÚSTRIA

Nível da quantidade produzida\*



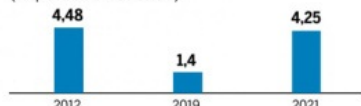
Fonte: IBGE

## EVASÃO ESCOLAR ENTRE 5 E 9 ANOS ESTÁ NO NÍVEL DE 2006



### EDUCAÇÃO

Evasão escolar de crianças de 5 a 9 anos (% que abandonou a escola)



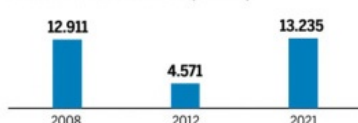
Fonte: FGV Social

## DESMATAMENTO SUPERA REGISTROS DE 2008



### MEIO AMBIENTE

Desmatamento da Amazônia (em km<sup>2</sup>)



Fonte: Observatório do Clima, com base nos dados do Inpe (2021)

## CONSUMO DAS FAMÍLIAS CAI PARA PATAMAR DE 2015



### CONSUMO DAS FAMÍLIAS

Nível da quantidade consumida\*



Fonte: IBGE

Editoria de Arte



2009. Fábrica da Renault, em São José dos Pinhais (PR)  
2022. Indústria têxtil Malwee, em Jaraguá do Sul (SC)



2006. Escola na Zona Oeste do Rio fechada pela violência  
2022. Prefeitura busca crianças evadidas após pandemia



2008. Vigilância detecta desmatamento na Amazônia  
2022. Corte em área de Mata Atlântica em Minas Gerais



2015. Lojas vazias no comércio de Niterói refletem crise  
2022. Mercado em SP: inflação reduz poder de compra

A indústria perde espaço para os serviços em boa parte dos países, mas no Brasil o encolhimento tem sido intenso e precoce, dizem analistas. O nível atual da produção industrial captada nas Contas Nacionais do IBGE é similar ao de 2009, retrocesso de 13 anos.

— Estamos passando um longo período de estagnação, em termos de atividade econômica, em uma longa década perdida. Crédito mais caro, renda mais baixa, mercado de trabalho ainda precário. A indústria acaba voltando ao passado com intensidade maior — afirma Sérgio Vale, da MB Associados.

Dois anos de escolas fechadas sem estratégia de assistência aos alunos, principalmente os mais pobres, levaram a evasão entre 5 e 9 anos a níveis recordes. No Rio, a prefeitura faz busca ativa de crianças que não voltaram às salas. Entre os que ficaram, as notas retrocederam a 2007, como no caso de matemática.

— A educação piorou onde vinha melhorando, deixando marcas para o futuro. Perdemos a oportunidade de digitalizar o ensino, seria muito útil na jornada estendida. As verbas diminuíram quando mais se precisava delas — alerta Marcelo Neri, da FGV Social.

Em 2021, foram mapeados mais de 13 mil quilômetros desmatados na Amazônia, situação só vista em 2008, mais de uma década atrás. Um retrocesso diante dos 4,5 mil de 2013, quando a redução em curso chegou ao menor índice anual. O corte de mata voltou a crescer no país, e esse recuo passa pela falta de demarcação de terras indígenas e o aparelhamento da Funai, diz Tasso Azevedo, do Mappiomas:

— Acabaram com o Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) e inviabilizaram o Fundo Amazônia. É um método de paralisar a área e deixá-la sangrando.

O consumo das famílias responde por mais de 60% do PIB e pode ser considerado um motor da economia, mas não tem ajudado a recuperação. Regrediu aos patamares de 2015.

— Não voltamos ao PIB pré-pandemia nem à tendência de crescimento — diz Silvia Matos, citando a inflação mais forte para os pobres.

A taxa de desemprego começou a cair, mas a renda do trabalho está mais de 7% abaixo da de 2021. A renda domiciliar per capita remonta a 2011, e Francisco Menezes, do ActionAid, lembra que o elevado endividamento e os juros altos também reduzem o acesso a bens e serviços.